

Uma aproximação ao diálogo internacional católico-pentecostal

An approach to the international Catholic-Pentecostal dialogue

Prof. Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ

Resumo: O autor propõe uma aproximação ao Diálogo Internacional Católico-Pentecostal, hoje na Sexta Fase/Sessão III de sua programação. Após apresentar as Igrejas-membro e os temas deste Diálogo, o autor caracteriza a experiência do “novo Pentecostes” e seus elementos teológicos, como são compreendidos pelas Confissões participantes do Diálogo, à luz da “teologia da graça consumada” e da compreensão moderna de “avivamento espiritual”. O discernimento de um terreno teológico comum, com base nas Escrituras, tem levado o Diálogo Católico-Pentecostal a superar mal-entendidos, pontuando convergências promissoras para o caminho da unidade cristã.

Palavras-chave: Ecumenismo. Movimento Pentecostal. Igrejas. Espírito Santo.

Abstract: Author proposes an approach to the International Catholic-Pentecostal Dialogue, in the present at the 6th. Stage/Session III of its program. After an explanation about members and subjects of this Dialogue, Author describes the “new Pentecost” experience as it is understood by participants of Catholic-Pentecostal Dialogue, in light of the “Theology of accomplished grace” and the modern understanding of “spiritual revival”. Discerning a theological common ground in

* Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Docente de teologia na PUC-SP e na Faculdade Dehoniana (Taubaté, SP). Membro da *International Commission for Catholic-Pentecostal Dialogue* (Santa Sé). Autor e conferencista. Religioso da Congregação dos Padres do Coração de Jesus (dehonianos). Contato do Autor: Marcial Maçaneiro marcialscj@hotmail.com.

basis of the Holy Scriptures, the Catholic-Pentecostal Dialogue has leded Churches to overcome misunderstandings and to remark convergences, focusing on the hopeful way to Christian unity.

Keywords: Ecumenism. Pentecostal Movement. Dialogue. Churches. Holy Spirit.

Introdução

O encontro de cristãos identificados com a experiência do “novo Pentecostes” em diferentes denominações teve expressões modestas já no começo do século XX, com incremento significativo nos anos 60 e 70. Nestes anos, cresce entre os evangélicos a sensibilidade ecumênica e a articulação do movimento pentecostal em assembleias e conferências, especialmente na Europa e América do Norte. Entre os católicos, temos a recepção do Concílio Vaticano II e o florescimento das primeiras gerações da Renovação Carismática Católica. Nos dois meios se ensaia uma Teologia do Espírito Santo de fonte bíblica, em diálogo com a experiência denominacional e relacionada com a dimensão profético-escatológica da Igreja de Cristo. O meio evangélico – herdeiro da Reforma, do pietismo protestante e do movimento de santidade – desenvolveu sua doutrina do avivamento (*revival*) e do batismo no Espírito Santo acompanhado da conversão e do falar em línguas. O meio católico – herdeiro da tradição patrística, da *lectio divina* e da liturgia sacramental – desenvolveu a espiritualidade de renovoamento carismático (*renewal*), com o batismo no Espírito Santo relacionado com os sacramentos de Iniciação Cristã, acompanhado do falar em línguas e/ou de outros frutos do Espírito.¹ Assim se caracterizavam, em linhas gerais, os grupos pentecostais avivalistas ou carismáticos.

A partir dos anos 1970, católicos e evangélicos aprofundaram suas perspectivas teológicas, esclarecendo as distinções e percebendo as convergências. Apesar das tensões e das diferentes “culturas teológicas” entre reformados, católicos e pentecostais clássicos, aos poucos

se organizou o mosaico de ênfases doutrinárias e elementos identitários, com revisão histórica e superação de mal-entendidos. Celebraram-se encontros internacionais de oração e estudo, com escuta comum das Escrituras e partilha das perspectivas teológicas. Aos poucos se consolidou uma ambiência fraterna de estima, proximidade e oração, igualmente importantes para este tipo de iniciativa.²

Observamos, ainda, que durante o Vaticano II (1962-1965) alguns representantes pentecostais haviam estabelecido contatos com a Igreja de Roma, participando das delegações protestantes que acompanhavam as seções conciliares. Os contatos se tornaram cada vez mais promissores, com apoio de algumas instâncias organizadas na Europa e América do Norte, favorecendo o lançamento da *Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal* em 1972, integrada ao Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos.

Hoje o diálogo multilateral entre a Igreja Católica e os representantes das Igrejas Pentecostais clássicas converge na aceitação da Palavra de Deus como normativa para a vida cristã; na leitura conjunta do Novo Testamento à luz de uma hermenêutica de comunhão; na afirmação de que a ação do Paráclito na Igreja tem sido diversificada, mas contínua; no reconhecimento mútuo dos frutos da graça; no discernimento fraterno sobre os carismas e o significado da experiência de “batismo no Espírito Santo”; na explicitação da dimensão pneumatológica da Igreja; no chamado comum à conversão; enfim, na consciência de que o Espírito do Ressuscitado nos conduz a “ser um, para que o mundo creia” (cf. Jo 17,21).

Nestas páginas apresentamos como se tem abordado o diálogo católico-pentecostal em termos de enfoque, método e temas da agenda recente. Nossa intenção é informar e abrir perspectivas para estudos posteriores, que estabeleçam uma interface mais precisa entre os resultados deste diálogo e a reflexão teológica das Igrejas Cristãs, a começar das denominações participantes deste caminho ecumênico, desde 1972 aos nossos dias.

¹ Cf. SUENENS, Leo Josef (coord.). *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1979.

² Entre 1970-1990 realizaram-se encontros católico-pentecostais de caráter nacional nos Estados Unidos, Alemanha, Chile, Argentina e Brasil. Outros congressos, de caráter internacional, ocorreram em Jerusalém, Singapura, Berna, Brighton, Port Dickson (Malásia), Kansas City, New Orleans, Indianápolis, Orlando e Buenos Aires.

1. Participantes e agenda do diálogo católico-pentecostal

O Diálogo Internacional Católico-Pentecostal, promovido pelo Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos e representantes pentecostais clássicos, é organizado em “fases”, com agenda temática definida por sua Comissão própria. Desde sua abertura em 1972, cumpriram-se seis fases, sendo que a atual se estende até 2015:

- 1ª fase – O batismo no Espírito Santo e a iniciação cristã; relação entre Escritura e Tradição; pessoa, dons e carismas: 1972-1976.
- 2ª fase – A fé, a experiência religiosa e o falar em línguas; o papel de Maria: 1977-1982.
- 3ª fase – Perspectivas sobre koinonia e comunhão cristã: 1985-1989.
- 4ª fase – Evangelização, proselitismo e testemunho comum: 1991-1997.³
- 5ª fase – Tornar-se cristão: conversão, iniciação cristã, batismo no Espírito Santo e discipulado: 1998-2006.⁴
- 6ª fase – Carismas na Igreja: significado espiritual, discernimento e implicações pastorais: 2010-2015 (fase em andamento).

As denominações participantes da Comissão, nos mandatos de 1972 até o presente, são:

- Igreja Assembleia de Deus (Estados Unidos)
- Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (América do Norte)
- Igreja Pentecostal de Santidade (Estados Unidos)
- Igrejas de Deus (América do Norte)

³ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999.

⁴ Cf. COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

- Assembleias Pentecostais do Canadá (Canadá)
- Igreja Bíblia Aberta (Estados Unidos)
- Igreja Missão Pentecostal (Chile)
- Igreja do Deus da Profecia (Estados Unidos e Alemanha)
- Missão de Fé Apostólica (África do Sul)
- Comunidade Pentecostal na Holanda (Holanda)
- Igreja Reformada (Holanda)
- Igreja Pentecostal Elim (Grã-Bretanha)
- Igreja do Pentecostes / Conselho de Igrejas Pentecostais de Gana (Gana)
- Igreja Católica / Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos (Santa Sé)

A presidência e secretaria são exercidas duplamente, por um católico e um pentecostal. Para a sexta fase do diálogo, prevista até 2015, temos:

Copresidentes:

- Rev. Pastor Cecil Mel Robeck – Assembleia de Deus (Estados Unidos)
- Rev. Bispo Michael Burbidge – Igreja Católica (Estados Unidos)

Cossecretários:

- Prof. Dr. David Cole – Igreja Bíblia Aberta (Estados Unidos e Canadá)
- Rev. Mons. Juan Usma Gómez – Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos (Santa Sé)

2. Compreensão da experiência do “novo Pentecostes”

Em que consiste a chamada *experiência do novo Pentecostes* na perspectiva evangélico-pentecostal? Afinal, trata-se de elemento distintivo da espiritualidade e da eclesiologia das Comunidades que se

identificam como “pentecostais” e/ou afins (avivalistas, renovadas, carismáticas). Vejamos esta questão, em seus elementos mais essenciais:

2.1. Da “graça consumada” ao “avivamento”

Os pentecostais clássicos se veem diretamente vinculados à experiência de Pentecostes referida no Novo Testamento (At 2), a qual eles acreditam terem provado de maneira nova em etapas significativas da história de suas Comunidades, desde o século XVIII. A tematização doutrinal desta perspectiva parte geralmente da *teologia da graça consumada* na Morte e Ressurreição de Jesus, pela qual se dá a revelação do Filho de Deus em sua plena ação soteriológica. Em coerência com a salvação realizada no mistério pascal, o Espírito Santo atua posteriormente de uma maneira dinâmica e evidente, conduzindo os crentes na verdade e renovando neles, de modo criativo e plural, a graça já consumada na Morte e Ressurreição de Jesus.

Para sermos didáticos, é oportuno esclarecer esta doutrina peculiar desenvolvida pelos pentecostais. Em primeiro lugar (como mencionamos) temos a graça consumada por Jesus, constituída de dois efeitos salvíficos fundamentais do mistério pascal, ao modo de “duas bênçãos”: justificação e santificação. Essas “duas bênçãos” são assim compreendidas:

- (a) Justificação pela fé: graça operada pela mediação única de Jesus Cristo, suscitada no fiel pela pregação da Palavra e acolhida no ato de sua aceitação do kerigma, seguida da profissão de fé apostólica e pelo batismo nas águas em nome da Trindade (cf. At 2,37-41; Ef 2,1-10).
- (b) Santificação: graça decorrente da justificação; caracteriza-se como vitória do crente sobre o pecado e perseverança no amor para com Deus e o próximo; pode vir acompanhada de “sinais de poder divino” como intrepidez na fé, curas e libertações de males, marcantes para o fiel, mas não necessariamente espetaculares (cf. Gl 5,13-15.16-23; Ef 2,11-22 e 4,25-32).

Uma vez que o fiel acolhe essas “duas bênçãos” consumadas em Jesus e as cultiva na fé, esperança e caridade, o Espírito Santo

prosegue a obra da graça com ações próprias de sua *paráclisis* (consolação/assistência): não só corrobora as “duas bênçãos” na vida pessoal e eclesial do fiel, mas as reaviva e incrementa suscitando outros dons e carismas conforme lhe apraz, em benefício da edificação do Corpo de Cristo. Para os pentecostais, trata-se de um processo contínuo de “avivamento” da graça consumada, perceptível ao longo dos séculos nas diversas comunidades evangélicas (e, segundo alguns, também nas comunidades católicas que vivenciaram formas similares de “avivamento carismático”).

Este “avivamento” (*spiritual revival*) é admitido teologicamente como evento decorrente da graça consumada, sem o qual a mesma graça correria o risco de arrefecer-se ou tornar-se infecunda na vida dos fiéis, tanto individualmente quanto comunitariamente. Para os pentecostais, o “avivamento” constitui uma “terceira bênção” em cumprimento e acabamento das “duas bênçãos” anteriores.⁵ É também chamado “despertamento” ou “renovação”. Chegamos, então, ao tema teológico das “três bênçãos” características da espiritualidade pentecostal: justificação, santificação e avivamento.

2.2. Por que “pentecostal”?

Donde procede, então, a caracterização “pentecostal” da vivência teológica das “três bênçãos”? Na perspectiva dos pentecostais, o primeiro avivamento (*spiritual revival*) da Igreja de Cristo ocorreu justamente no dia de Pentecostes, com o derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos no cenáculo, seguido do kerigma testemunhado por Pedro, da efusão do mesmo Espírito sobre os judeus e prosélitos

⁵ Na doutrina pentecostal, há matizes diferentes quanto ao caráter desta “terceira bênção”: para alguns, trata-se de uma regeneração por graça, distinta daquela operada pelo Batismo em águas e quase sempre posterior a este; para outros, é uma experiência totalmente nova que pode ocorrer independentemente do Batismo em águas, mas sempre sob a condição de a pessoa reconhecer a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, arrependendo-se de seus pecados e dispondo-se a uma vida radicalmente cristã. Embora nem todos usem a expressão “terceira bênção” (por ser aparentemente restrita em relação ao operar contínuo do Paráclito), todos os pentecostais professam o *avivamento* decorrente como uma ação renovadora e potente do Espírito Santo no sujeito e na comunidade crentes. Grande parte dos pentecostais clássicos admite esta experiência como “normativa” (constitutiva do ser cristão) para os fiéis e, portanto, essencial para sua identidade e pertença à comunidade eclesial.

congregados em Jerusalém e da decorrente adesão dos ouvintes ao Senhor Jesus como Messias e Salvador. Na sequência, somam-se no caminho teológico da Igreja as demais manifestações do Paráclito para além de Israel, como seu derramamento sobre os gentios reunidos na casa de Cornélio (cf. At 10,44-48) e a experiência dos carismas vivida pela Igreja de Corinto (cf. 1Cor 12). Desses derramamentos do Espírito Santo se destacam algumas características e/ou efeitos:

- a universalidade do dom do Espírito
- a adesão convicta e alegre ao *kerigma*
- a adoração e o louvor com hinos inspirados
- o falar em línguas
- a manifestação visível de carismas
- o testemunho intrépido de Jesus como salvador (incluindo o martírio)
- a vivacidade missionária
- os sinais de santidade e poder divinos, como conversões e curas
- os frutos do Espírito

Em termo simples, trata-se de um reavivar, nos dias de hoje, os carismas e frutos manifestos no período da pregação apostólica e nas primitivas comunidades cristãs. As características e/ou efeitos do Pentecostes (acima elencados) funcionam como critério de discernimento das experiências posteriores de “avivamento”, numa hermenêutica bíblico-espiritual fundada especialmente nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas de Paulo aos Coríntios.

2.3. O “batismo no Espírito Santo” em perspectiva evangélica e católica

É sob a hermenêutica bíblico-espiritual mencionada acima que se consolidou a doutrina do “batismo no Espírito Santo”, como evento central das experiências de “avivamento”. No dizer pentecostal, os crentes experimentam o avivamento como verdadeira imersão ou banho nas “águas vivificantes” do Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus Cristo. Conforme tal interpretação, assim se realiza o que

Jesus disse aos apóstolos: “Pois João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias” (At 1,5); e ainda: “Sereis revestidos da força do alto” (At 2,1-4; 10,44-48).

A doutrina evangélica clássica do batismo no Espírito Santo ensina o seguinte:

- Ao iniciar o caminho de seguimento do Jesus Cristo, o crente é justificado por fé e regenerado pelo Batismo em águas, sendo a seguir batizado no Espírito Santo em confirmação e incremento da graça nele consumada. Este batismo no Espírito Santo ocorre uma única vez e perdura na vida do fiel mediante a oração, a perseverança, adoração e uma vida santificada (cf. At 4,31-33; Ef 5,18-19).
- Algumas Igrejas ponderam que batismo no Espírito Santo venha necessariamente acompanhado do dom de línguas como evidência inicial, com manifestação posterior de outros carismas, conforme age o Espírito. Outras Igrejas relativizam o dom de línguas e admitem que o batismo do Espírito Santo possa ser acompanhado de um dos frutos do Espírito listados por Paulo: “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, modéstia, autodomínio” (Gl 5,22-23).
- Esta experiência corrobora a “vida no Espírito” e move o crente a consagrar-se à obra de Deus, vivendo em fé, esperança e caridade, com santidade e retidão. Tal condição deve ser conservada e renovada pela ação do mesmo Espírito, cuja graça o fiel acolhe com liberdade e fervor (cf. At 4,31; Ef 5,18).
- Esta ação dinâmica e renovadora do Espírito Santo se manifesta na vida do fiel e da comunidade como graça de avivamento – também chamado de *despertamento* ou *renovação*. Para que ele aconteça, se requer da parte do fiel o sincero arrependimento de seus pecados e a escuta atenta da Palavra de Deus.
- Trata-se de uma moção do Espírito que desperta ou renova a fé das primeiras Comunidades cristãs nos crentes e nas comunidades de hoje, com impacto espiritual, moral e testemunhal no cotidiano das pessoas e da Igreja. Geralmente o avivamento implica numa restauração inicial, seguida pela manutenção do renascimento

por tanto tempo quanto durar a graça desta visitação. Tal graça é concedida à Igreja de Cristo ao longo dos tempos de modo perceptível e marcante (sem fronteiras denominacionais), devendo ser acolhida com humildade, zelo e ação de graças.⁶

Na perspectiva evangélica, o “batismo no Espírito Santo” inaugura um novo patamar na relação do crente com Deus e na sua consciência pessoal de cristão; não está condicionado pelas Ordenanças do Batismo e da Ceia, embora seja totalmente coerente com o que estas celebram e operam. Os pentecostais de fato esperam que todos os seus fiéis experimentem o avivamento com o batismo no Espírito Santo, como algo praticamente normativo para o caminho discipular e missionário.⁷

Na perspectiva católica, esta mesma experiência é interpretada de dois modos, atualmente:

- (a) O “batismo no Espírito Santo” realizaria, efetiva e perceptivelmente, tudo o que a doutrina católica diz e espera a respeito do sacramento de Crisma e, portanto, seria algo inscrito no itinerário maior da iniciação cristã do discípulo. Neste caso, discute-se ainda se o “batismo no Espírito Santo” pode ser entendido como normativo para todos os fiéis, ao menos como possibilidade, já que participaria da Iniciação Cristã regular.
- (b) Outra posição católica considera o “batismo no Espírito Santo” uma graça específica e nova em relação à Iniciação Cristã; teria efeitos coerentes com a graça sacramental, mas sem vínculos determinantes ou normativos com nenhum sacramento. Neste caso, o “batismo no Espírito Santo” seria uma graça entre outras, certamente específica e marcante, mas sem determinar algum grau em relação à Iniciação Cristã.

Embora distintas no que se refere aos sacramentos e à Iniciação Cristã, essas duas interpretações católicas coincidem na afirmação

de que o Espírito Santo atua no coração dos fiéis e na Igreja como um todo, inspirando, consolando e renovando cada membro do Corpo de Cristo através de dons carismáticos e hierárquicos, ora simples, ora eminentes, para a edificação eclesial e o incremento da evangelização.⁸

2.4. O “avivamento” como marco histórico-teológico

Historicamente, as Igrejas Pentecostais reconhecem o Movimento de Santidade (*Holiness Movement*) iniciado por John Wesley como expressão segura de “avivamento” a partir da Europa em 1727, em conexão remota com o “derramamento” do Espírito Santo na comunidade pastoreada por William Seymour em Asuza Street, EUA, que marcou as Américas com graça similar em 1906. Foi a partir daí que se incrementaram no meio evangélico as vigorosas perspectivas do movimento de santidade, da reforma bíblica e do ardor missionário, com ensaios de retorno aos modelos ministeriais de Atos dos Apóstolos e das comunidades paulinas de Roma, Coríntio, Éfeso, Colossos, Filipos e Tessalônica. Em termos gerais, foi assim que surgiram organizações como as Igrejas de Santidade (*Churches of Holiness*), as Missões de Fé Apostólica (*The Apostolic Faith Mission*) e as Assembleias de Deus (*Assemblies of God*) que estão na raiz do movimento pentecostal moderno, hoje representado pelas Igrejas Pentecostais clássicas.

É interessante observar que, entre os pentecostais clássicos, cresce a percepção de que o despertar ou renovação de carismas no seio da Igreja Católica (e posteriormente noutras Igrejas Reformadas e mesmo Ortodoxas) sinalize uma ação evidente do Espírito Santo, coerente e convergente com aquela provada nos meios evangélicos. Daí o reconhecimento da efusão carismática entre os católicos como verdadeira graça e testemunho de santidade – isto é, como um “avivamento católico” histórico – para além das fronteiras evangélico-pentecostais. Se, de um lado, este reconhecimento problematiza a

⁶ Cf. ARAÚJO, Isael De. Batismo no Espírito Santo. In *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 118-119.

⁷ Cf. BURGESS, Stanley; VAN DER MAAS, Eduard (eds.). *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

⁸ Essas duas posições não caracterizam magistério definitivo dos Bispos, mas exprimem um discernimento teológico-pastoral. Cf. COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas* n. 227-237, op. cit., p. 129-132.

espiritualidade e a teologia católicas em termos de Pneumatologia, Cristologia e Eclesiologia, por outro lado, abre vias de aproximação, diálogo e discernimento conjunto entre nós católicos e os representantes mais qualificados das Comunidades pentecostais. Aliás, foi com esta atitude que se iniciou e consolidou o diálogo católico-pentecostal, desde 1972, superando afastamentos e incompreensões numa disposição recíproca de conversão, reconciliação e busca de unidade em obediência à intenção expressa de Jesus: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17,21-23).

2.5. Caráter cristocêntrico: proclamação do “evangelho pleno”

Importa observar que o “avivamento” pentecostal-carismático não pode ser algo isolado do conjunto da fé apostólica, nem pretende ser um alicerce suficiente para a constituição das Comunidades cristãs. As experiências autenticamente pneumatológicas confirmam as virtudes teologais, desenvolvem dons e ministérios, capacitam para o testemunho, educam para o profetismo, ampliam os laços de comunhão, levam à solidariedade e, acima de tudo, favorecem o encontro com Jesus Ressuscitado, não só como evento individual, mas eclesial (cf. Jo 20,22; Rm 12; Ef 4,1-6; Gl 5,16-26). Um exame atento nos mostra que

[...] a pneumatologia não representa necessariamente o centro da espiritualidade pentecostal. Ao contrário, Jesus Cristo é o centro; e o Espírito Santo está em relação com Cristo. No cerne da espiritualidade pentecostal está a ideia do “Evangelho pleno”: o modelo de Jesus Cristo em seu quádruplo papel de Salvador, Santificador, Batizador com o Espírito, Curador e Rei Vindouro. Por conseguinte, a chave para discernir e definir a identidade pentecostal está na espiritualidade carismática cristocêntrica com um desejo apaixonado de “encontrar-se” com Jesus Cristo na medida em que ele está sendo percebido como Portador do “Evangelho pleno”. Trata-se de uma forma particular de “cristologia do Espírito”.⁹

* * *

⁹ KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. O Espírito derramado sobre toda carne: testemunhos pentecostais e experiências do Espírito Santo. In *Concilium* 342 (2011), p. 76-77.

Respondendo, enfim, à questão posta nos primeiros parágrafos, esclarecemos: é esta experiência de avivamento da graça salvífica – caracterizada pelo “batismo no Espírito Santo” com seus sinais de efusão de carismas, confissão de Jesus Cristo e edificação eclesial – que tem sido denominada *experiência do “novo Pentecostes”* no âmbito do diálogo internacional católico-pentecostal.

3. Primado da experiência e diálogo de convergências

Uma das características do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal é considerar a experiência do “novo Pentecostes” como abordagem básica – por ser determinante para a identidade comum das Comunidades participantes – numa espécie de “primado metodológico” sobre as particularidades denominacionais. Estas não são negligenciadas, mas incluem-se no correr dos encontros em torno dos temas centrais de cada fase do diálogo, na medida em que são debatidas pelas próprias denominações ali representadas.

O diálogo considera especialmente a experiência do “novo Pentecostes” e sua incidência sobre a identidade e teologia de cada denominação, uma vez que todas consideram a manifestação de dons e carismas não só um elemento espiritual, mas também estrutural para o ser e o agir de suas Comunidades. Com base no Novo Testamento, as Comunidades pentecostais entendem que os dons e carismas concorrem para a santificação dos fiéis, para a edificação da Igreja e para o anúncio do Evangelho (cf. At 2; Ef 4; Rm 12 e 1Cor 12). Neste sentido, o “avivamento” e o “batismo do Espírito Santo” não aparecem como elementos estanques ou isoláveis, mas sim nucleadores e dinamizadores do conjunto da vida eclesial, relacionados espiritualmente à profissão de fé, ao batismo em águas, à Ceia do Senhor, aos ministérios, à missão e à moral evangélica dos pentecostais.

3.1. Diálogo de convergências

Nas denominações participantes do diálogo, a experiência de “avivamento espiritual” acompanhada de “efusão carismática” manifesta perfil semelhante, com elementos comuns e convergentes: conversão e acolhida renovada do kerigma; confissão de Jesus Cristo

como Senhor e Salvador; batismo no Espírito Santo; efusão de dons e carismas; culto de adoração e louvor; testemunho renovado do Evangelho; ardor evangelístico-missionário. Estes são os elementos partilhados por evangélicos e católicos que experimentaram o “novo nascimento” no Espírito Santo (cf. Jo 3,3-6) – cada qual vivendo seu itinerário na Comunidade em que se encontra, com as ênfases próprias de cada tradição.

3.2. Ênfases distintas e complementares

Há comunidades que enfatizam o falar em línguas e a piedade individual; outras acentuam o arrependimento e a santidade; outras ainda se concentram na expectativa escatológica e no anúncio do kerigma. Há também diversidade na estrutura ministerial: algumas instituem o ministério quádruplo, na linha de Efésios 4,11: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores; outras têm governo congregacional, com anciãos-presbíteros, pastores e obreiros; outras, por sua vez, assimilam ministérios de origem carismática ao lado das funções de diácono, presbítero e supervisor, conforme o ministério tríptico de 1Tm 3-5 (diáconos, presbíteros e episcopos, ou seja, supervisores).

Em todo caso, na atual fase de relações ecumênicas a concepção e organização dos ministérios não constituem o foco do diálogo, sendo consideradas apenas nos casos em que os ministérios (*diakonía*) estão diretamente implicados na compreensão e/ou exercício dos carismas (*charismata*). Afinal, no presente estágio de diálogo “o objetivo não é a unidade estrutural, mas antes a promoção do respeito e da compreensão mútua entre a Igreja Católica e os grupos do pentecostalismo tradicional”.¹⁰

3.3. Discernimento conjunto

Discernir juntos os fundamentos, o sentido e os alcances da experiência do “novo Pentecostes” é enfoque norteador do diálogo católico-pentecostal, por ser a experiência que caracteriza e aproxima as diversas Confissões participantes. Trata-se de uma abordagem que

busca ser honesta e coerente com os elementos de identidade teológico-espiritual tidos por mais significativos pelos sujeitos e instituições que aceitaram estabelecer este nível de contato ecumênico. Observamos, porém, que este enfoque é prioritário, mas não excludente, já que a experiência pentecostal traz consigo outros elementos dinamizadores do Corpo de Cristo, de caráter doutrinal, espiritual e estrutural. Há pautas de diálogo em que o discernimento conjunto sobre o “reavivamento” ou “renovação” dos carismas inclui naturalmente a Hermenêutica Bíblica, a Cristologia, a Teologia da Graça e a Eclesiologia, além das tematizações da Pneumatologia.

Podemos dizer, ainda, que o discernimento conjunto da experiência do “novo Pentecostes” caracteriza o diálogo católico-pentecostal de três modos:

- (a) Em relação às Comunidades participantes: a efusão do Espírito Santo com seus carismas aproximou e fez convergir as Comunidades em diálogo, não só fraternalmente, mas teologicamente, por reconhecerem o *dom Espírito Santo* como promessa bíblica, evento característico da fé neo-testamentária e graça autêntica de Deus para a inteira comunidade dos batizados (cf. Mc 1,8; At 2,4; 8,17; 10,44; 19,6). É à luz da obra do Paráclito na edificação da Igreja de Cristo, em chave bíblica e teológica, que se busca discernir conjuntamente os elementos, sentidos e alcances do “fenômeno pentecostal” recente, e não o inverso.
- (b) Em relação ao diálogo ecumênico em geral: enquanto o diálogo católico-reformado, católico-luterano, católico-batista, católico-anglicano e católico-ortodoxo (e outros) é atravessado por certos fatores histórico-teológicos decorrentes de um Cisma (no Oriente, em 1054; no Ocidente, em 1517), o diálogo entre católicos e pentecostais não é marcado por um Cisma – ainda que sofra as consequências das divisões estabelecidas no século XVI – mas parte de uma experiência peculiar de Jesus Cristo no Espírito Santo que *aproxima* as diferentes denominações. Os participantes católicos e pentecostais deste diálogo estão cientes da história que percorreram separadamente, com tematizações doutrinárias distintas; mas a dimensão carismática da Igreja e a experiência

¹⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal* n. 2, op. cit., p. 6.

de “vida nova” no Espírito Santo são suas referências positivas e vinculantes, a partir das quais os demais temas se incluem no discernimento teológico-espiritual. Na presente fase do diálogo, este agregar-se em torno do “novo Pentecostes” consolida um firme terreno de encontro; para o futuro, abrem-se possibilidades promissoras de reconciliação, edificação mútua e busca de unidade.

(c) Em relação às demais Confissões cristãs: mesmo as Igrejas e Comunidades batismais não caracterizadas como “pentecostais” ou “carismáticas” podem partilhar dos frutos do diálogo católico-pentecostal, por conta dos elementos bíblicos, pneumatológicos, eclesiológicos e pastorais que este diálogo evidencia – não como algo exclusivo de alguma denominação, mas como dons do Espírito para a edificação do Corpo de Cristo, no qual todos os batizados se congregam, na comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo.¹¹ Pois o “novo Pentecostes” não é um distintivo identitário deste ou daquele grupo cristão, mas um sinal a ser discernido pela comunhão dos cristãos em vista da santificação, testemunho e missão da Igreja de Cristo no mundo.

Do lado católico-romano, esclarecemos que o nosso diálogo com os pentecostais clássicos parte sempre da fé integral professada pela Igreja Católica, tal qual lida nas Escrituras, ensinada pelo magistério, tematizada na doutrina e celebrada na liturgia sacramental. Neste sentido, são de grande valor a teologia patrística, os estudos bíblicos, as sínteses teológicas dos grandes mestres da tradição oriental e ocidental, bem como as definições conciliares. Quanto à espiritualidade vivida pela Renovação Carismática Católica, está presente no diálogo como *uma expressão* da grande tradição eclesial, na medida em que se encontre atestada documentalmente pelas Conferências Episcopais ou supervisionada por instâncias reconhecidas pela Santa Sé.¹²

¹¹ Cf. *Lumen gentium* 2-4; também COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas* n. 194, op. cit., p. 115-116.

¹² É o caso dos documentos que a Renovação Carismática Católica tem discernido e publicado, mediante Comissão Teológica do ICCRS – *International Catholic Charismatic Renewal Service*, vinculado ao Pontifício Conselho para os Leigos.

4. Superação da postura “cessionista”

As convergências entre católicos e pentecostais a respeito da dimensão carismática da Igreja e da ação contínua do Espírito Santo nos fiéis (pessoal e comunitariamente) consolidaram a superação da velha “opinião cessionista”, segundo a qual os carismas teriam cessado logo após o período apostólico e o fim da era dos mártires. Como claramente afirma o Concílio Vaticano II, também os católicos reconhecem que o Espírito dota o Povo de Deus de dons hierárquicos e carismáticos, governando a Igreja através de dons e carismas, em consonância com os sacramentos e ministérios instituídos.¹³ Em coerência com tais afirmações, o diálogo católico-pentecostal admite – com discernimento acurado e revisão teológica da História da Igreja – que o Paráclito sempre atuou no Corpo eclesial, concedendo dons e carismas a todo o Povo de Deus. Esses dons e carismas “ora simples, ora eminentes” nunca cessaram absolutamente, mas se manifestaram com proporções e intensidade diversas, segundo a multiforme graça de Deus: às vezes em sujeitos chamados a uma missão específica, outras vezes em movimentos espirituais; outras ainda incrementando os ministérios já constituídos ou renovando nos crentes a vida teológica.¹⁴ Um dos relatórios do Diálogo afirma:

Tanto os católicos como os pentecostais reconhecem a importância do derramamento do Espírito Santo na vida da Igreja. Partilhamos a convicção de que o Espírito Santo tem sempre estado presente na Igreja com sua graça, sinais e dons. Afirmamos e acolhemos os carismas como uma dimensão importante na vida da Igreja.¹⁵

O “avivamento” e “despertar carismático” mais recente se caracterizam pela manifestação coletiva dos dons – além das fronteiras denominacionais – acompanhada do “batismo no Espírito Santo”, do

¹³ Cf. *Lumen gentium* n. 4 e 12.

¹⁴ Cf. GRASSO, Domenico. *I carismi nella Chiesa: teologia e storia*. Brescia: Queriniana, 1982, especialmente os Capítulos IV, V e VI.

¹⁵ COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas* n. 193, op. cit., p. 115.

encontro vivo com Jesus Cristo e do testemunho vivaz do Reino de Deus. O reconhecimento desses sinais da graça é mais potente entre nós do que as divisões herdadas do passado: Como acolher a ação universal do Paráclito, sem nos penitenciar pelas divisões? Como não tratar fraternalmente os outros, a quem o Espírito ornou com os mesmos dons? Como não ir ao encontro daqueles que, em igrejas distintas, testemunham o mesmo Pentecostes? – Cientes do quanto ainda nos separa, católicos e pentecostais reconhecem juntos a unção do Paráclito nas suas respectivas Comunidades e se abrem à graça da reconciliação:

Em lugar de nos combater um ao outro, não podemos dialogar, orar juntos, cooperar, cessar de opor-nos? Concretamente, precisamos buscar formas para cristãos alcançarem a unidade a que os discípulos de Cristo são chamados (cf. Jo 17,21). A começar pelo respeito absoluto ao outro, aprendendo a amar um ao outro. [...] O chamado do Senhor à Igreja não pode ser ignorado. O apóstolo Paulo renovou-o quando exortou os efésios a fazer de tudo para “manter laços de paz, para conservar a unidade do Espírito” (Ef 4,3). Os cristãos que foram reconciliados com Deus e encarregados do ministério da reconciliação (cf. 2Cor 5,18) precisam ser reconciliados uns com os outros para exercer seu ministério de forma eficaz. As divisões persistindo comprometem o impacto da Boa-Nova.¹⁶

Com tal atitude e os meios adequados, poderemos individuar os fatores não-teológicos da divisão dos cristãos e, a partir daí, tratar melhor dos aspectos que nos distinguem do ponto de vista da hermenêutica bíblica, teologia, doutrina dos ministérios e iniciação cristã. Pois o diálogo ecumênico entre católicos e pentecostais não tem compromisso com a divisão, mas sim com a vocação comum à santidade e à unidade em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo. Esta postura teologal nos possibilita consolidar as convergências e superar gradativamente as atitudes de desprezo, agressão e proselitismo, exercendo o “ministério da reconciliação” (2Cor 5,18) em obediência à Palavra de Deus.¹⁷

¹⁶ Idem, n. 79 e 107.

¹⁷ Cf. *Unitatis redintegratio* n. 7-11; *Ut unum sint* n. 15-39.

Conclusão

O fato de haver um diálogo internacional católico-pentecostal focado na experiência do “novo Pentecostes” nos remete, necessariamente, ao que declarou o Concílio Vaticano II: “O Espírito Santo que habita nos crentes, que enche e governa toda a Igreja, é quem realiza a admirável comunhão dos fiéis e une todos tão intimamente a Cristo, de modo a ser o princípio da unidade da Igreja”.¹⁸ Com efeito, a persistente divisão dos cristãos, a mercantilização da fé promovida por certas denominações e a insensibilidade de muitos ao diálogo ecumênico expõem as fragilidades do cristianismo atual: ou nós, católicos e pentecostais clássicos – de larga presença no mundo – nos dispomos a dar passos significativos de reconciliação, ou deveríamos admitir sinceramente a falência do que pretendemos anunciar, provavelmente por culpa nossa, já que seria temerário delegar ao Espírito Santo o débito de nossas divisões.

Aos cem anos de percurso do moderno Movimento Pentecostal, é chegada a hora oportuna de oferecer a contribuição específica da experiência pentecostal-carismática à unidade dos cristãos – na contramão de toda tendência sectária e proselitista – em honesta atenção à oração do Senhor: “Pai, não peço apenas por esses, mas todos os que virão a crer: que sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17,21-23). Afinal, como esperar que nossa pregação seja crível, quando não partilhamos entre nós, cristãos, o amor e a comunhão que anunciamos aos outros? Cabe citar aqui o que católicos e pentecostais declaram juntos, num dos relatórios do Diálogo Internacional:

Acreditamos que juntos poderemos descobrir as riquezas insondáveis da verdade, aprofundando assim nossa própria compreensão do que acreditamos ter sido suscitado entre nós pelo Espírito Santo. Somos todos chamados a servir a este precioso dom da unidade, do qual já gozamos e ao qual ainda aspiramos no vínculo da paz (cf. Ef 4,3). [...] Esperamos ver o dia em que os dirigentes de nossas Comunidades possam orar juntos, confiar um no outro e lidar com as tensões que se apresentarem. Nosso diálogo teológico, hoje com

¹⁸ *Unitatis redintegratio* n. 2.

[mais de] vinte e cinco anos de experiência, nos proporcionou uma compreensão mais profunda do sentido da fé em Cristo e o respeito entre nós.¹⁹

Com tal atitude e disposição, ao mesmo tempo psicológica e espiritual, poderemos avançar na agenda do Diálogo Internacional, orando e ouvindo a Palavra, numa ambiência fraterna que favoreça o discernimento teológico comum de nossas experiências e tematizações. Afinal, o diálogo católico-pentecostal não visa aos Relatórios Finais, mas sim à *comunhão* (fundada no Espírito Santo, na confissão de Jesus Cristo e no Batismo que já partilhamos) reconhecida pelos atores ecumênicos como vivência determinante para o presente e o futuro de todos os programas de encontro e diálogo entre os discípulos de Jesus Cristo. É a partir da comunhão já existente entre nós – manifesta na profissão de fé, na obediência ao Evangelho e na partilha dos dons da graça – que prosseguimos juntos rumo à comunhão plena, não esperada como “produto” de convenções, mas dom do Espírito mediante a oração, conversão e testemunho conjuntamente assumidos. Como se tem insistido, o escopo final da koinonia é grande o suficiente para que superemos as agruras do percurso! Só assim teremos disposição, maturidade e competência suficientes para afrontar a revisão histórica, o aprofundamento bíblico e o debate teológico que este Diálogo exige.

Referências

- A BÍBLIA para todos: edição interconfessional. Sociedade Bíblica de Portugal: Lisboa, 2010.
- ARAÚJO, Isael De. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BURGESS, Stanley; VAN DER MAAS, Eduard (eds.). *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

¹⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal* n. 88, op. cit., p. 109.

- COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- CONCÍLIO VATICANO II. Decreto “Unitatis redintegratio”. In *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- GRASSO, Domenico. *I carismi nella Chiesa: teologia e storia*. Brescia: Queriniana, 1982.
- JOÃO PAULO II. *Ut unum sint: carta encíclica sobre o empenho ecumênico* [UUS]. São Paulo: Paulinas, 1995.
- KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. O Espírito derramado sobre toda carne: testemunhos pentecostais e experiências do Espírito Santo. In *Concilium* 342 (2011), p. 75-84.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- SUENENS, Leo Josef (coord.). *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1979.